Antropologia e Missão: O Modelo da Encarnação

Por Darrell L. Whiteman

Segunda Parte

A Revista antropologia prática

Um indicador usado para constatarmos o amadurecimento de uma disciplina no campo acadêmico é a publicação de uma revista ou jornal técnico na sua área. Este foi o caso da antropologia missionária, com o início da publicação da revista *Practical Anthropology (Antropologia Prática).*

O artigo de Malinowski intitulado "Antropologia Prática", publicado em 1929, foi um chamado para a antropologia sair do confinamento estéril do mundo acadêmico e entrar no mundo onde culturas estavam entrando em choque umas com as outras, e onde o colonialismo estava transformando culturas indígenas. Malinowski não era uma pessoa religiosa e talvez seja irônico que o seu chamado a uma antropologia prática tenha sido o precursor da aplicação prática da antropologia ao trabalho missionário.

É interessante notar que no contexto de 1953, nos anos pós-II Guerra Mundial e da proliferação das missões evangélicas protestantes, assim como no começo do declínio do colonialismo, uma nova publicação chamada *Antropologia Prática* tenha vindo à luz. Em seu humilde início, Robert B. Taylor, professor de antropologia no Seminário Wheaton, Estados Unidos, produziu e distribuiu duas cópias iniciais para testar o nível de interesse em uma revista sobre as aplicações da antropologia no pensamento e prática cristãos. A recepção foi favorável, especialmente entre aqueles interessados na comunicação transcultural da mensagem Cristã.

Robert Taylor preparou em Wheaton os originais que foram mimeografados no centro de cópias do Seminário. Em ambas as cidades Norte-Americanas, Wheaton, entre 1953 e 1954, e Eugene, Oregon, entre 1954 e 1956, ele continuou a fazer todo o trabalho de produção da revista, com a ajuda de sua esposa

Darrell L. Whiteman foi professor de Antropologia Cultural e Deão da Escola de Missões Mundiais e Evangelismo E. Stanley Jones no Seminário Asbury em Wilmore, Kentucky, Estados Unidos. Seu campo de pesquisa e ministério foi especialmente a África Central e Melanésia. E atualmente vicepresidente da Mission Society en Atlanta, (USA). *Este artigo foi publicado originalmente em 2003. Tradução: Priscila Goís. Desenho: Adriana Gutierrez*

Floris. O casal fazia todo o trabalho, excetuando a parte de mimeografia e, mais tarde, impressão, com a assinatura anual valendo 1 dólar Norte-Americano. Em alguns anos a revista tinha 250 assinantes. Durante estes anos pioneiros o projeto contou com o auxílio, talvez indispensável, de pessoas como William Smalley, William Reyburn, Marie Fetzer Reyburn, Eugene Nida e James O. Buswell Neto, que ofereceram conselhos e submeteram artigos para a revista. Quando Robert Taylor deixou o campus da Universidade de Oregon para dedicar-se à pesquisa de campo para seu doutorado, William Smalley veio a ser o editor de *Antropologia Prática.* A revista tornou-se uma publicação orientada fundamentamente para missionários e tradutores da Bíblia que necessitavam de ajuda da antropologia e desejavam um forum para compartilhar suas idéias e experiências antropólogicas no campo missionário. Esta orientação seguiu a visão que William Smalley tinha já há algum tempo para uma tal publicação, e ele efetivamente a concretizou , com ajuda de outros, na revista que lhe foi entregue por Robert Taylor.

A revista *Antropologia Prática* foi publicada por 19 anos, constituindo-se em um forum para missiólogos com uma inclinação antropológica tais como Eugene Nida, William Smalley, o casal Rayburn e Charles Taber – os quais eram todos compromissados com missões transculturais e com a tradução da Bíblia. As páginas dos números iniciais da revista eram repletas de histórias e exemplos de como a antropologia pode jogar luz nas complexidades da missão transcultural efetiva. É interessante ler cartas enviadas ao editor, expressando o desejo do leitor ou leitora de ter tido a oportunidade de beneficiar-se daquele conhecimento antropológico oferecido pela revista no início da sua carreira missionária. Por exemplo Herbert Greig, escrevendo da cidade de Batouri, Camarões, lamentava: “Se somente eu tivesse tido **este** conhecimento quando parti para a África, **que** diferença ele teria feito para mim. É com pesar que eu olho para o passado e vejo momentos embaraçosos e as oportunidades perdidas, e eu gostaria de salvar outros dos mesmos erros (Greig 1957:204).”

Após 19 anos da publicação consecutiva, lançando seis números por ano, a revista *Antropologia Prática* deixou de ser publicada, juntando-se à *Missiology (Missiologia)*, a revista da *Sociedade Americana de Missiologia*, em 1973. Nesta época *Antropologia Prática* contava com 3.000 assinantes (Shenk and Hunsberger 1998:17), o que mostra o tremendo crescimento que a revista experimentou em um espaço de tempo relativamente curto. A demanda por conhecimentos antropológicos aplicados aos problemas da missão transcultural era significativa e *Antropologia Prática* providenciou artigos úteis na hora certa. O último editor da revista, Charles Taber, observou que:

> *Desde seu início a revista Antropologia Prática concentrou-se no mundo da comunicação transcultural como um todo, partindo*

de uma perspectiva antropológica. Seu público potencial incluía todos aqueles interessados em tal tipo de comunicação, em especial o da comunicação do evangelho Cristão. Conceitos como o etnocentrismo, relativismo cultural, adaptação, identificação, e assim por diante, foram introduzidos e discutidos, e suas implicações para a missão Cristã foram exploradas. Nós cremos que a revista teve uma função importante, tendo sido útil a muitas pessoas, ao trazer aplicações práticas da antropologia ao seu trabalho em todas as partes do mundo. (Taber 1973:7)

Foi somente na década de 1970 que começamos a dar importância àcontextualização, e a nos dar conta que povos diferentes deveriam desenvolver a mente de Cristo em suas próprias culturas.

O primeiro editor de *Missiologia* foi Alan Tippett, da Escola de Missões Mundiais do Seminário Teológico Fuller. Por seis anos ele cumpriu a promessa de manter as mesmas ênfases da antiga revista (Tippett 1973). Como antropólogo e quarto editor de *Missiologia*, entre 1989 e 2003, eu mantive vivo o legado de *Antropologia Prática*. William Smalley capturou o melhor de *Antropologia Prática* em dois livros intitulados *Readings in Missionary Anthropology* (*Leituras em Missiologia Antropológica*) tendo sido a primeira parte lançada em 1967 e a segunda em 1978.

No momento do lançamento de *Antropologia Prática* em 1953, a maioria dos tradutores da Bíblia acreditava que se somente pudéssemos colocar as Escrituras na linguagem dos povos, eles passariam então a pensar como nós, ocidentais. Assim, a antropologia foi pressionada a servir aos interesses da tradução bíblica e a outros aspectos da missão. Foi somente na década de 1970 que começamos a dar importância à contextualização, e a nos dar conta que povos de diferentes culturas não somente não deveriam pensar como nós, uma vez que tivessem a Bíblia em suas línguas, mas que eles deveriam desenvolver a mente de Cristo em suas próprias culturas. Esta nova percepção daria início aos campos da etnoteologia (Kraft 1973) e contextualização (Whiteman 1997).

A contribuição dos católicos romanos à antropologia missiológica

Enquanto missionários, antropólogos e tradutores da Bíblia evangélicos escreviam nas páginas da revista *Antropologia Prática*, missionários católicos romanos eram introduzidos aos escritos do Padre Louis Luzbetak, a quem dedico esta série de palestras. Louis Luzbetak foi estudante do famoso Wilhelm Schmidt, mas divergiu do seu mentor ao acreditar que a antropologia deveria ser aplicada e integrada à missão, ao invés de ser uma atividade separada. Em meio ao seu ministério na Nova Guiné, Louis Lusbetak concluiu que a antropologia acadêmica precisava ser conectada à missão. Ele escreve:

> *... Eu me tornei tão convencido da importância da antropologia cultural para a obra da igreja, e tão frustrado com o fato que pouquíssima atenção era dada à relação entre fé e cultura, que eu estava determinado a fazer o que estivesse ao meu alcance para não retornar à minha antiga especialização, mas a dedicar no futuro toda a minha energia à aplicação da antropologia ao trabalho missionário. (Luzbetak 1992:125)*

Luzbetak esboçou seu ponto de vista no artigo "Toward an Applied Missionary Anthropology" (Caminhando em Direção a uma Antropologia Missionária Prática) em 1958 e cumpriu sua promessa com a publicação, em 1963, de *The Church and Cultures: An Applied Anthropology for the Religious Worker* (A Igreja e Culturas: Uma Antropologia Prática para o Obreiro Religioso). Essa obra foi recebida com entusiasmo tanto por missionários no campo como por professores missiológos. Ao ler a segunda edição (de 1970), nos meus tempos de pós graduação em antropologia, me lembro dizer a mim mesmo: "Isto é exatamento o que eu quero fazer da minha vida – fazer a antropologia inteligível e útil para o esforço missionário". Após duas edições com Divine Word Publications, o livro foi re-publicado pela editora William Carey Library mais outras quatro vezes. O espírito ecumênico de Luzbetak estendeu-se aos círculos missionários protestantes, ansioso por um entendimento mais profundo de como a antropologia poderia se relacionar à missão. Então, após 25 anos da primeira edição de *A Igreja e Culturas*, Luzbetak publicou sua *magnum opus*, uma versão completamente revista daquele livro, com um novo subtítulo: "*New Perspectives in Missiological Anthropology"* (Novas Perspectivas em Antropologia Missionária), a qual vendeu 7.500 cópias até hoje. Em sua elogiosa resenha daquele livro, Charles Taber (1990:103) corretamente chama Louis Luzbetak de deão dos antropólogos missionários vivos e diz que *A Igreja e Culturas* é "uma das mais importantes obras missiológicas do último quarto desde século" (1990:104). O subtítulo de Louis Luzbetak "Novas Perspectivas em Antropologia Missionária" estabelece novos paradigmas conceituais, ao levar-nos além da antropologia *missionária*, ligada à era das missões coloniais, para a antropologia *missiológica*, a qual é mais apropriada para a presente época de Cristianismo global.

Outros vários antropólogos católicos fizeram contribuições importantes a missões desde um ponto de vista antropológico. O primeiro é Gerald Arbuckle, um padre marista neo-zelandês, profícuo escritor e professor. Aplicando princípios antropológicos à igreja, Gerald Arbuckle enfoca a aculturação e o restabelecimento de comunidades religiosas. Seus populares livros *Earthing the Gospel: An Inculturation Handbook for Pastoral Workers* (*Trazendo o Evangelho à Realidade: Um Manual de Aculturação para Obreiros da Pastoral*,1990) e *Refounding the Church: Dissent for Leadership (Restabelecendo a*

Igreja: Dissensão e Liderança, 1993) capturam muito da sua percepção antropológica ligada à missão.

Outro importante antropólogo e missiólogo católico é Aylward Shorter, um padre branco que foi aluno de E. E. Evans-Pritchard, em Oxford. Baseando-se em seu extenso trabalho missionário na África Oriental, ele influenciou a igreja da Africa com conceitos antropológicos, em especial com seus livros *African Culture and the Christian Church: An Introduction to Social and Pastoral Anthropology* (*Cultura Africana e a Igreja Cristã: Uma Introdução à Antropologia Social e Pastoral*, 1974), *African Christian Theology* (*Teologia Africana Cristã*, 1977), *Jesus and the Witchdoctor* (*Jesus e o Curandeiro*, 1985), e *The Church in the African City* (A Igreja na Cidade Africana, 1991). Seu livro mais teológico é *Toward a Theology of Inculturation* (*Caminhando em Direção a uma Teologia da Aculturação,* 1988).

Um terceiro antropólogo e missiólogo católico trata-se de Anthony Gittins, que estudou em Edimburgo, Escócia, com experiência missionária na África Ocidental, e atualmente leciona na União Teológica Católica em Chicago, Estados Unidos. Seu livro *Mende Religion* (*A Religião Mende*, 1987) é um estudo antropológico aprofundado do sistema de crenças do povo Mende em Serra Leoa. Ele publicou outros livros, os quais refletem sua perspectiva antropológica: *Gifts and Strangers* (*Presentes e Estrangeiros*, 1989), *Bread for the Journey* (*Pão para a Viagem,* 1993), *Life and Death Matters: The Practice of Inculturation in Africa (Questões de Vida e Morte: A Prática da Aculturação na África*, 2000) e *Ministry at the Margins* (*Ministério às Margens*, 2002). E, finalmente, Stephen Fuchs, SVD (1965,1997), escreveu extensivamente a partir de sua experiência na Índia, contribuindo substancialmente para a antropologia missiológica Católica.

Três outros livros, escritos por antropólogos missiológicos evangélicos, tornaram-se referência importante na caminhada da antropologia a serviço de missões. Marvin Mayers, Ph.D. em antropologia na Universidade de Chicago, Estados Unidos, com experiência na Guatemala com a associação Wycliffe Bible Translators, era professor na Faculdade Wheaton quando escreveu *Christianity Confronts Culture: A Strategy for Cross-Cultural Evangelism (O Cristianismo Confronta a Cultura: Uma Estratégia para o Evangelismo Transcultural*, 1974). O livro combina a teoria antropológica com estudos de casos missiológicos e já teve 10 re-edições, com 12 mil cópias.

Charles Kraft, que estudou antropologia na Faculdade Wheaton e na Escola Kennedy de Missões do Seminário Hartford, inovou com a publicação da sua monumental obra *Christianity in Culture* (*Cristianismo na Cultura*,1979) publicado pela editora Orbis Books. O livro já vendeu mais de 20 mil cópias, mas, inicialmente, não foi

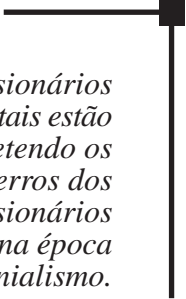
recebido de braços abertos pela ala mais conservadora do mundo missionário. Um ataque particularmente feroz foi o livro chamado *Is Charles Kraft an Evangelical?* (*Seria Charles Kraft Evangélico?* – Gross, 1985). Charles Kraft foi severamente criticado devido às suas posições antropológicas, mas ele claramente demonstrou o quanto nossa cultura molda nossa teologia e o quão frequentemente a forma de Cristianismo comunicada pelo missionário não se conecta profundamente com a cultura do receptor.

O terceiro livro que conecta a antropologia com missões é *Anthropological Insights for Missionaries (Perspectivas Antropológicas para Missionários), de* Paul Hiebert (1985), publicado em 1985. Na sua 18ª edição, com mais de 48 mil cópias vendidas, este é, provavelmente, um dos livros mais populares sobre antropologia missionárias hoje em dia. Paul Hiebert é o escritor mais profícuo entre os antropólogos missiológicos evangélicos e seu livro sobre epistemologia e missão (Hiebert 1999) abriu novas fronteiras para a missiologia.

A utilização ineficiente da antropologia em missões

Como vimos, existe uma crescente contribuição da antropologia aplicada a missões, assim como uma maior apreciação pelos conhecimentos que ela aporta. Apesar disto, após mencionarmos o importante volume de literatura e os nomes chaves nesta área, a utilização da antropologia à causa missionária ainda é bastante insignificante. Dentre os milhares de antropólogos existentes, menos de um por cento poderia se chamar cristãos, e um número ainda menor tem usado a antropologia profissional a serviço da igreja e da missão. Em 1989 eu fundei a Rede de Antropólogos Cristãos. Todos os anos nos reunimos por ocasião da sessão anual da Associação Americana de Antropologia. Nós discutimos os desafios em relacionarmos a antropologia com a fé cristã e com a missão e é uma alegria relatar que contamos com mais de cem pessoas em nossa Rede. Esta é uma pequena vitória em um mundo onde a antropologia e a missão, ou melhor dizendo, antropólogos e missionários, têm sido na maior parte do tempo inimigos e não colegas.

Dentre os milhares de antropólogos existentes, menos de um por cento poderia se chamar cristãos, e um número ainda menor tem usado a antropologia profissional a serviço da igreja e da missão.

Apesar disto, o número de missionários norte-americanos, católicos e protestantes, que tiveram algum tipo de treinamento antropológico é muito pequeno. Durante treze anos eu trabalhei com a Junta de Missões Estrangeiras dos Batistas do Sul (dos Estados Unidos) e ajudei na formação de cerca de 3.000 dos seus 5.000 missionários. Após meu curso intensivo de dois dias de antropologia para a comunicação transcultural do Evangelho, eu frequentemente ouvia a frase: “Porque eu nunca ouvi sobre esta perspectiva antropológica antes? Aqui estou eu, a um mês e meio de embarcar em um avião e ir embora passar o resto da minha vida ministrando a um povo de outra cultura, sem nunca

ter ouvido nada como isto". Eugene Nida me confidenciou na metade da década de 1990 que os missionários daquela época estavam menos preparados na área da comunicação transcultural que em todos os outros períodos da história missionária.

A antropologia e o treinamento de missionários não-ocidentais

Por outro lado, uma vez que o centro de gravidade da Cristandade no mundo se desloca em direção ao sul e ao leste, o número de missionários europeus e norte-americanos está em declínio e o número de missionários não-ocidentais aumenta (Pate 1989). Por exemplo, hoje em dia encontramos mais de dez mil missionários Sul-Coreanos ao redor do mundo (Moon 2003). Estes missionários raramente, ou nunca, recebem orientação sobre conceitos da antropologia, como parte do seu treinamento e orientação missionários; conceitos estes que lhes seriam muito úteis no descobrimento da natureza de sua interação e ministério transcultural (veja Choi 2000). E devido ao fato que a Coréia do Sul é uma das sociedades mais homogêneas do mundo, os seus missionários facilmente confundem cristianismo com o seu padrão coreano de louvor, levando seus convertidos a crerem que tornarem-se cristãos significa também adotar a cultura Coreana. Se nós, os Norte-Americanos, somos culpados de cobrir o evangelho com a bandeira norte-americana, os Sul-Coreanos cobrem o Evangelho, metaforicamente, com o *kimchi* (comida que representa um forte símbolo da sua cultura). Este padrão de confundirmos o evangelho com a cultura do missionário está se repetindo por todo o mundo não-ocidental e os missionários destas culturas estão cometendo os *mesmos* erros dos missionários ocidentais na época do colonialismo, quando o evangelho foi então trazido às suas culturas. Atualmente podemos encontrar um crescente volume de literatura sobre o treinamento e problemas de obreiros não-ocidentais. Por exemplo, a edição corrigida do livro de William Taylor, *Internationalising Missionary Training* (*Internacionalizando o Treinamento Missionário,* 1991), enfoca a formação de obreiros não-ocidentais. Temos em *Too Valuable to Lose* (Valiosos Demais para serem Perdidos, Taylor 1997), a discussão sobre o atrito entre missionários da Coréia do Sul, Brasil e Gana com missionários de alguns países ocidentais. A revista *Training for Cross-Cultural Ministries* (*Treinamento para Ministérios Transculturais*), que apareceu entre 1990 e 2001, também aborda o treinamento de obreiros não-ocidentais (veja Harley 1995, Davies 2000).

Os missionários não-ocidentais estão cometendo os mesmos erros dos missionários ocidentais na época do colonialismo.

Podemos ver, então, que a necessidade de treinamento de obreiros tanto ocidentais como não-ocidentais sobre a compreensão transcultural nunca foi tão grande, especialmente nesta era do "cristianismo global que se aproxima", como colocado por Philip

Jenkins (2002), em seu livro *The Next Christendom* (*O Próximo Cristianismo*).

Porque a antropologia não contagia os missionários

Pensando na rica história de interação entre a antropologia e missões, o volume de informação publicado em livros e revistas sobre como o conhecimento antropológico pode iluminar a prática missionária, e o estabelecimento de importantes escolas de treinamento de missões mundias, não podemos deixar de nos maravilhar sobre o fato que o estudo da antropologia não tenha uma maior importância entre os missionários. Por que tantos missionários, protestantes e católicos, ocidentais e não-ocidentais, são inconscientes a respeito do valor da antropologia para seu trabalho e ministério? Eu tenho ponderado estas questões por anos, e algumas respostas me vêem à mente:

Em primeiro lugar, a teologia do missionário influencia grandemente o valor que ele dá à cultura. Missionários que vêem seres humanos e seus costumes como totalmente depravados demorarão a ter qualquer razão que seja para entender os múltiplos significados existentes por detrás do comportamento e hábitos do povo entre o qual eles vivem. Eles considerarão como seu “mandato cultural” trazer mudanças à cultura, mas, infelizmente, a mudança vai mais na direção da cultura do missionário do que na do reino de Deus. Por outro lado, o missionário com uma sólida teologia da criação e que vê a graça preveniente de Deus trabalhando na vida de indivíduos e suas culturas, provavelmente desejará entender diferenças transculturais e estará, então, mais aberto ao estudo da antropologia.

Outra razão pela qual os missionários não têm levado a antropologia a sério se deve ao fato que eles estão com demasiada pressa. Ou a escatologia deles diz que a volta de Cristo é iminente, sendo uma perda de tempo estudar de maneira aprofundada a língua e cultura do povo, ou eles estão trabalhando sob um rígido calendário de planejamento para a implantação de um determinado número de igrejas ou para batizar um número específico de convertidos, não sobrando tempo para se importarem com esta coisa de antropologia. John Kirby (1995) diz, entretanto, que nesta presente era de missões e igrejas globais, o aprendizado da língua e cultura são mais importantes do que nunca, consistindo, de fato, em formas próprias de ministério.

Uma terceira razão porque missionários não levam a sério a antropologia é porque eles vêem a antropologia como ligada, para não dizer obcecada, com o exótico, e a consideram sem muito valor prático. Existem muito poucos antropólogos missionários que fazem o papel de agente intermediário entre culturas ou de pontes entre as missões e a

antropologia acadêmica. Missionários pragmáticos não desejam desperdiçar o seu valioso tempo dedicado ao ministério com algo que eles crêem que trará poucos dividendos.

Uma quarta razão seria porque cada vez menos e menos missionários estão passando a vida toda vivendo entre um outro povo que não o seu. A média atual de uma "carreira" missionária é de sete anos. Se alguém não está pensando em passar entre quinze a vinte anos em uma cultura, é fácil concluir que ele pode "se virar" com um mínimo de conhecimento linguístico e cultural e, por isso, quem precisa da antropologia?

É claro que todas estas razões para não levarmos a antropologia a sério, constituem também fatores que contribuem à falta de frutos e esgotamento. Por exemplo, o simples fato de entendermos o fenômeno do choque cultural teria salvado muitas carreiras missionárias, mas a falta de um sistema para comprensão da fonte do choque cultural tem levado muitos a concluirem, desde as profundezas do desespero e depressão, que, no fim das contas, eles não foram chamados a este povo. O enorme desafio continua: dar aos missionários de todas as culturas um sentido de curiosidade pelas diferenças culturais, uma apreciação pelo conhecimento que a antropologia pode prover, e uma determinação para perseguir a comprensão transcultural. E isto quando os missionários, em meio às suas ocupações, não sentem ter tempo disponível.

Conectando o evangelho com a cultura: como a antropologia pode ajudar

Em 1991 passei parte do meu ano sabático no Paraguai, um dos países mais pobres da América do Sul. Lá eu encontrei a frase "Os Paraguaios falam espanhol, mas pensam em guarani". O Guarani é a língua falada pelo povo indígena desta região desde antes da conquista espanhola, e segue viva e forte até os dias de hoje. Eu imediatamente perguntei: "Em qual língua os paraguaios adoram a Deus e lêem a Bíblia?" A resposta foi: "Em castelhano, não em guarani." Em outras palavras, o cristianismo é expresso pelo meio da língua espanhola, em vez da linguagem do coração, o guarani. Mais recentemente eu fiquei sabendo que quando os jesuítas vieram para esta área no século 17, eles perguntaram pelo nome local do deus mais importante na cosmovisão guarani, o qual passaram a usar em lugar da palavra espanhola *Dios*. Somente há algum tempo atrás um antropólogo, estudando a cosmovisão guarani, descobriu que este povo tinha um deus mais importante do que o deus cujo nome ensinaram aos jesuítas. Este outro deus mais importante vivia tão elevado nos céus que não tinha nome. Em outras palavras, aqui estava o Deus Desconhecido, bem vivo e presente na cosmovisão guarani, mas, porque os missionários não pesquisaram e

entenderam a cultura guarani de forma adequada, o Deus Cristão que eles introduziram ficou confinado a uma posição inferior ao do deus desconhecido do povo guarani.

Os missionários também buscaram uma palavra para expressar a idéia de batismo. Não foi fácil, mas eles criaram um termo que eles pensaram capturar a essência do batismo para os guaranis. Investigações antropológicas centenas de anos depois recevelaram que a palavra usada para batismo significava "tornar-se espanhol". Equívocos como estes poderiam ser evitados se os missionários fossem devidamente treinados em métodos antropológicos de pesquisa, e se tivessem uma perspectiva antropológica que lhes ajudasse a entender e a lidar com todas as diferenças culturais.

Existem muitas outras "histórias de horror" que poderiamos usar para ilustrar erros cometidos por missionários devido a uma falta de entendimento transcultural e pela ausência de uma perspectiva antropológica. De todos os modos, permita-me listar brevemente sete áreas nas quais eu creio que a antropolgia pode ajudarnos a conectar o evangelho e a cultura:

1. A antropologia leva em conta todas as dimensões da existência de um povo – social, cultural e ecologicamente. A antropologia usa um método holístico no estudo dos seres humanos.
2. Ela trata do comportamento real de um povo, assim como o que eles dizem, pensam e sentem. É uma ciência do comportamento, e uma dose de realismo é bom em todos os tipos de ministério.
3. A antropologia tende a generalizar o comportamento humano e busca padrões e fatores universais transculturais. Isto nos ajuda a enterder o que é específico a uma cultura e o que é mais característico a todas as culturas.
4. A antropologia usa um método de pesquisa chamado "observação participante", a qual é particularmente útil para ministérios transculturais. Ela nos oferece ferramentas para obtermos um conhecimento cultural mais aprofundado ao vivermos entre o povo ao qual servimos.
5. Ela enfoca os elementos da interação humana que se relacionam com a comunicação. Ela nos ajuda a entender a razão pela qual devemos estudar em profundidade a língua de um povo, e a reconhecer que a comunicação é feita de forma não verbal mais que verbal.
6. A antropologia nos ajuda a distinguir entre as várias formas culturais e seus significados. Isto é particularmente importante quando queremos comunicar conceitos cristãos apropriados para a cultura receptora da mensagem cristã.
7. Ela se concentra em como uma cultura se transforma. Missionários, por definição, deveriam ser agentes de transformação,

> mas, frequentemente, a transformação que introduzimos traz desiquilíbrio ou é contra-produtiva. Precisamos entender de forma global as dinâmicas culturais da sociedade entre a qual servimos.

Esta é uma breve lista de razões pelas quais as testemunhas transculturais deveriam incorporar a formação antropológica na preparação para ministério e porque deveriam usar os conceitos antropológicos como parte integrante de seus ministérios.

O modelo da encarnação

Passo agora ao que chamo de a conexão encarnacional entre antropologia e missão. Eu defendi neste artigo, por razões de pragmatismo e eficiência, que a antropolgia deveria respaldar a missão cristã, mas existem importantes razões teológicas também. A Encarnação é nosso modelo para o ministério transcultural, assim como a razão bíblica pela qual a antropologia deve apoiar a missão. Como um conceito teológico, a Encarnação trata do fato de Deus ter-se tornado homem, mas no mistério da Encarnação, Deus não se tornou um ser humano no sentido geral. Deus se tornou Jesus, o judeu, moldado e influenciado pela cultura judaica palestina ocupada pelo Império Romano do primeiro século. Isto significa que Jesus falava aramaico com um sotaque pouco prestigioso da região da Galiléia. Ele não comia porco ou outros alimentos proibidos pela Torá. Ele acreditava que a Terra era chata e que ela era o centro do universo, com o Sol girando ao seu redor. Jesus não sabia que as doenças eram causadas por germes, porque eles somente seriam "descobertos" 1870 anos mais tarde. Em outras palavras, Jesus foi totalmente moldado pela cultura judaica daquela época particular e daquele local específico. O Deus do universo se manifestou através de Jesus, o qual foi inserido naquela cultura específica. Pois como vemos em Filipenses 2:6-8:

> *O qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz.*

Ogden Nash, em seu estilo extravagante, escreveu "Que capricho de Deus, escolher os judeus". Mas Deus *realmente* escolheu os judeus em um momento determinado para revelar algo sobre seu caráter. John Donne escreveu em *Holy Sonnet (O Soneto Santo)*:

> *Muito importou ter o homem sido feito como Deus, no passado.*
> *Mas ter Deus sido feito homem, muito mais.*

No prefácio do livro do jesuíta John Haughey *The Conspiracy of God: The Holy Spirit in Us (A Conspiração Divina: O Espírito Santo em Nós*, 1973) lemos:

> *Corretamente, o autor argumenta que no passado nós aceitamos a tendência de apresentar o mistério de Jesus em termos de uma Divina Teofania – Deus vindo a nós em aparência divina, em vez de "saído dentre nós", no mistério da Encarnação. Devemos encontrar o Jesus autêntico, um homem entre outros homens, condicionado pelo relativismo do tempo e espaço, como os homens sempre o são. (Haughey 1973:7)*

A Encarnação nos diz algo importante a respeito de Deus. Deus escolheu uma cultura imperfeita, com suas limitações, para proclamar sua Revelação suprema. Desde o início da humanidade Deus se relacionou com pessoas em suas diferentes culturas. E o plano de Deus para a salvação do mundo foi usar seres humanos comuns, como nós, para alcançar outros que estão imersos em uma cultura diferente da nossa. A Encarnação mostra que Deus não tem medo de usar culturas para se comunicar conosco. S. D. Gordon disse certa vez: "Jesus é Deus revelado em uma linguagem que a humanidade pode entender". Esta linguagem inteligível para a humanidade é a cultura humana. A Encarnação mostra que Deus levou a sério tanto a humanidade como a cultura. Desta forma, a Encarnação nos ensina algo sobre a natureza de Deus. E ela se torna um modelo para o ministério em nossa época. Da mesma forma em que Deus entrou na cultura judaica na pessoa de Jesus, devemos estar dispostos a entrar na cultura do povo o qual servimos, falar sua língua, ajustar nosso estilo de vida ao dele, entender sua comovisão e valores religiosos e a rir e chorar com eles.

A encarnação mostra que Deus não tem medo de usar culturas para se comunicar conosco.

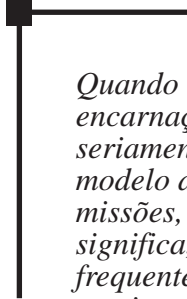
Mas como fazer isto em culturas que são tão diferentes da nossa própria? Não podemos retornar ao ventre e renascer em outra cultura. É neste ponto que o poder do conhecimento antropológico se faz sentir em nosso ministério. Eu proponho que, sem o entendimento antropológico que nos ajudará a entender e apreciar diferenças culturais, nós retornaremos automaticamente ao nosso modo etnocêntrico de interpretação e comportamento. Cairemos na armadilha cultural de pensar que aquilo que funciona bem no ministério em nossa cultura servirá também em outra cultura, o que raramente acontece. Nós assumiremos erroneamente que todos os seres humanos veem o mundo da forma como nós o vemos, o que frequentemente não acontece. Provavelmente creremos que as diferenças culturais não são significativas, pelo fato de sermos todos criados à imagem e semelhança de Deus.

Mas as diferenças culturais *são* importantes, muito importantes, por razões tanto teológicas como antropológicas. As várias culturas no mundo são presentes da graça de Deus. Nós observamos uma imagem

da importância bíblica da diversidade cultural em Apocalipse 7:9, onde João escreve:

> *Depois destas coisas olhei, e eis uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, que estavam em pé diante do trono e na presença do Cordeiro, trajando compridas vestes brancas, e com palmas nas mãos (Apocalipse 7:9)*

Alguém poderá perguntar: Como João sabia isto? Como ele chegou à conclusão que a multidão diante do trono era tão diversificada? Ele deve ter visto as muitas diferenças culturais e linguísticas aparentes entre as pessoas. Então, a imagem que temos aqui é de diversidade cultural, não de uniformidade cultural. Pessoas de todos os grupos etnolinguísticos rodearão o trono de Deus, louvando-o, não em inglês e nem mesmo em inglês como segunda língua, mas em suas próprias línguas moldadas pela suas cosmovisões e culturas. O Reino de Deus é multicultural, não de uniformidade étnica. A diversidade cultural ao redor do trono de Deus se une em seu louvor, como o Senhor da Vida, mas é expressa por uma diversidade de línguas, culturas e cosmovisões. Podemos esperar ouvir cerca de 6.809 línguas ao redor daquele trono (Grimes 2000; veja www.ethnologue.com, para obter o número mais recente de línguas conhecidas). Uma das coisas que mais admiramos sobre o evangelho é sua capacidade de comunicar dentro da cosmovisão de cada cultura. E, para mim, esta é a prova empírica de sua autenticidade.

O mesmo processo de Encarnação, Deus tornando-se ser humano, ocorre cada vez que o evangelho cruza barreiras culturais, linguísticas ou religiosas. Se a missão de Deus completou-se com a Encarnação de Jesus, e ele, por sua vez, disse a seus discípulos e para nós “Como o Pai me enviou eu também envio a vós” (João 20:21), então o que isto significa como um modelo de missão, de ministério transcultural? Creio que podemos afirmar que devemos trabalhar dentro dos limites da cultura do povo ao qual somos enviados. Isto não é rígido ou estático, porque a cultura muda, mas significa que começamos dentro das barreiras e limites e, assim como as oportunidades, impostas pela sua cultura. Começamos do ponto onde as pessoas se encontram, inseridas em suas culturas, porque foi assim que Deus começou conosco, a fim de transformar-nos naquilo que ele quer que sejamos. Quando tomamos a Encarnação seriamente como modelo de missões, isto significa, frequentemente, um movimento para baixo. A Encarnação para Jesus significou a crucificação, e isto quer dizer que haverá muitas coisas em nossas vidas para as quais teremos que morrer – nossa parcialidade e preconceitos, nosso estilo de vida, nossa agenda do que desejamos realizar para Deus e, talvez, para alguns de nós, isto significará nossa vida literalmente. Quando levamos a Encarnação a sério em nosso ministério, nós nos inclinamos diante da cruz em humildade, em vez de agitar a bandeira do patriotismo. O modelo da Encarnação nos

levará a abandonar nossas compulsões culturais assim como nossas preferências e não mais insistiremos para que a expressão cultural do evangelho em outra cultura seja a mesma que em nossa cultura.

A identificação com o povo entre o qual vivemos, baseada na Encarnação, não quer dizer que devemos "virar nativos". Podemos tentar e tentar, mas nunca o conseguiremos. Ou seja, nós já fomos moldados e formados por outra cultura e nunca conseguiremos nos desfazer totalmente dela. E não precisamos fazer isto. Exemplos patéticos de "nos tornar como os nativos" geralmente são vistos com repulsa pelas pessoas as quais estamos tentando impressionar. Por outro lado, se nós conseguirmos "virar nativos", então deixaremos de ser o canal para idéias e valores de fora da cultura que são trazidas pelo evangelho. Devo admitir que em mais de 30 anos estudando missionários, ainda não vi ninguém que "foi longe demais". Normalmente, encontramos o problema oposto, ou seja, nossas tentativas de identificação com um povo são por demasiado tímidas.

Quando tomamos a encarnação seriamente como modelo de missões, isto significa, frequentemente, um movimento para baixo.

O que significa, então, sermos pessoas que usam o modelo de Encarnação ao nos relacionarmos com uma cultura? Frequentemente isto significa por em prática pelo menos as oito práticas seguintes:

1. Começamos do ponto onde as pessoas se encontram, inseridas em suas culturas, porque foi assim que Deus começou conosco, a fim de transformar-nos naquilo que ele quer que sejamos. Quando tomamos a Encarnação seriamente como modelo de missões, isto significa frequentemente, um movimento para baixo.
2. Nós levamos as suas culturas a sério, pois este é o contexto onde a vida tem sentido para eles.
3. Nós nos achegamos a eles como crianças, ansiosos por ver o mundo de sua perspectiva.
4. Somos forçados a nos humilhar, pois em sua cultura nós ainda não adquirimos o conhecimento para interpretar experiência que irá gerar interação social.
5. Devemos colocar de lado nosso etnocentrismo cultural, nossas posições de prestígio e poder.
6. Seremos muito vulneráveis; nossas defesas terão que baixar-se e teremos que depender mais do Espírito Santo do que do nosso conhecimento e experiência.
7. Nós faremos o máximo de esforços para nos identificarmos com o povo onde ele estiver, ao viver entre ele, amá-lo e aprender dele.
8. Descobriremos, a partir de dentro, como Cristo é a resposta às perguntas que eles fazem e às necessidades que sentem.

CONCLUSÃO

Resumindo, em conclusão, nós vimos como a antropologia no último século e meio tem sido lentamente apropriada pela missão para o seviço no Reino de Deus. Discutimos brevemente a contribuição que os missionários fizeram ao campo da antropologia. Hoje, alguns de nós talvez entendam o valor do conhecimento antropológico para a missão melhor que anteriormente, por causa da pesquisa e estudos missiológicos e antropológicos que vieram à luz no último século. Mas continuamos em uma situação na qual a maioria dos missionários, tanto ocidentais como não-ocidentais, continua amplamente sem receber treinamento antropológico. Sem um conhecimento transcultural, nós deixaremos de perceber a riqueza de outras culturas, pois aquele que conhece somente uma cultura, não conhece nenhuma cultura (Augsburger 1986:18). Há um maravilhoso provérbio do povo Kikuyu, do Quênia, que captura o etnocentrismo ofuscante que vem de somente conhecermos uma única cultura: "Quem não viaja, pensa que sua mãe é a melhor cozinheira do mundo." Com um treinamento antropológico apropriado os missionários poderão vencer seu etnocentrismo e se regalar em uma imensa variedade transcultural preparada por muitos excelentes cozinheiros.

Eu argumentei nesta palestra que a Encarnação, como um modelo para o ministério transcultural, nos ajuda a fazer a importante conexão entre a antropologia e a missão. Gostaria de terminar esta apresentação sobre a antropologia, missão e Encarnação com um antigo poema chinês que captura a essência da Encarnação:

VÁ ATÉ O POVO,
VIVA ENTRE ELE,
APRENDA COM ELE,
AME-O.
COMECE COM O QUE ELES POSSUEM,
CONSTRUA COM O QUE ELES TEM.

Este é o modo da Encarnação de ser e fazer missão, mas precisamos do conhecimento antropológico, da humildade de Cristo e o poder do Espírito Santo para ser missão desta maneira.

Bibliografia

Arbuckle, Gerald A. 1990 *Earthing the Gospel: An Inculturation Handbook for Pastoral Workers.* London, UK: Geoffrey Chapman.
– – 1993 *Refounding the Church: Dissent for Leadership*. Maryknoll, NY:Orbis Books.
Augsburger, David W. 1986 *Pastoral Counseling Across Cultures*. Philadelphia, PA: The Westminster Press.
Barney, G. Linwood. 1981 "The Challenge of Anthropology to Current Missiology." *International Bulletin of Missionary Research* 5(4):172-175.
Brandewie, Ernest. 1990 *When Giants Walked the Earth: The Life and Times of Wilhelm Schmidt*, SVD Fribourg, Switzerland: University Press.
Bonsen, Roland, Hans Marks, and Jelle Miedema, eds. 1990 *The Ambiguity of Rapprochement: Reflections of Anthropologists on their Controversial Relationship with Missionaries*. Nijmegen, the Neatherlands: Focaal.
Brown, Ina Corine. 1946 "The Anthropological Approach." In *Christian World Mission*. William K. Anderson, ed. Pp. 183-192. Nashville, TN: Commission on Ministerial Training, The Methodist Church.
Choi, Hyung Keun. 2000 Preparing Korean Missionaries for Cross-Cultural Effectiveness. Ph.D. Dissertation, Asbury Theological Seminary, Wilmore,KY.
Davies, Wilma. 2000 "Anthropology in Missions Training." *Training for Cross- Cultural Ministries* 2000(1):6-7.
Drahan, Michael. 1986 "Christianity, Culture and the Meaning of Mission." *International Review of Mission* 75(July):285-303.
Evans-Pritchard, E. E. 1962 *Social Anthropology and Other Essays.* New York: The Free Press.
Fuchs, Stephen SVD. 1965 *Rebellious Prophets: A Study of Messianic Movements in Indian Religions*. New York: Asia Publishing House.
– – 1977 *The Aboriginal Tribes of India*. New York: St. Martin's Press.
Geer, Curtis Manning. 1934 *The Hartford Seminary* 1834 - 1934. Hartford, CT: The Case, Lockwood & Brainard Co.
Gittins, Anthony J. 1987 *Mende Religion: Aspects of Belief and Thought in Sierra Leone.* Studia Instituti Anthropos, Vol. 41. Nettetal, Germany: Steyler Verlag-Wort und Werk.
– – 1989 *Gifts and Strangers: Meeting the Challenge of Inculturation*. New York: Paulist Press.
– – 1993 *Bread for the Journey: The Mission of Transformation and the Transformation of Mission*. American Society of Missiology Series, No. 17. Maryknoll, NY: Orbis Books.
– – 2000 *Life and Death Matters: The Practice of Inculturation in Africa*. Nettetal, Germany: Steyler Verlag.
– – 2002 *Ministry at the Margins: Strategy and Spirituality for Mission*. Maryknoll, NY: Orbis Books.
Goldschmidt, Walter. 1977 "Anthropology and the Coming Crisis: An Autoethnographic Appraisal." *American Anthropologist* 79(2):293-308.
Greig, Herbert. 1957 "Letters to the Editor." *Practical Anthropology* 4(5): 203-204.
Grimes, Barbara F., ed. 2000 *Ethnologue: Languages of the World, 14th Edition*. Dallas, TX: SIL International.
Gross, Edward N. 1985 *Is Charles Kraft and Evangelical?: A Critique of Christianity in Culture* Philadelphia, PA: Christian Beacon Press.
Gutiérrez, Gustavo. 1993 *Las Casas: In Search of the Poor of Jesus Christ*. Robert Barr, trans. Maryknoll, NY: Orbis Books.
Hanke, Lewis. 1951 *Bartolomé de las Casas*. The Hague, the Netherlands: Martinus Nijhof.
Harley, David. 1995 *Preparing to Serve: Training for Cross-Cultural Mission*. Pasadena, CA: William Carey Library.
Harris, Marvin. 1968 *The Rise of Anthropological Theory*. New York: Thomas Y. Crowell Company.
Haughey, John C., SJ. 1973 *The Conspiracy of God: The Holy Spirit in Us.* Garden City, NJ: Doubleday, Image Books.
Hiebert, Paul G. 1978 "Missions and Anthropology: A Love/Hate Relationship." *Missiology* 6: 165-180.
– – 1985 *Anthropological Insights for Missionaries.* Grand Rapids, MI: Baker Books.
– – 1994 *Anthropological Reflections on Missiological Issues*. Grand Rapids, MI: Baker Books.
– – 1999 *Missiological Implications of Epistemological Shifts: Affirming Truth in a Modern/Postmodern World.* Christian Mission and Modern Culture series. Harrisburg, PA: Trinity Press Int.
Hiebert, Paul G. and Eloise Hiebert Meneses. 1995 *Incarnational Ministry: Planting Churches in Band, Tribal, Peasant, and Urban Societies*. Grand Rapids, MI: Baker Books.
Jenkins, Philip. 2002 *The Next Christendom: The Coming of Global Christianity*. New York: Oxford University Press.
Knauft, Bruce M. 1996 *Genealogies for the Present in Cultural Anthropology*. New York: Routledge.
Kraft, Charles H. 1973 "Toward a Christian Ethnotheology." In *God, Man and Church Growth: A Festschrift in Honor of Donald Anderson McGavran*. Alan R.Tippett, ed. Pp. 109-126. Grand Rapids, MI: Eerdmans.
– – 1979 *Christianity in Culture: A Study in Dynamic Biblical Theologizing in Cross-Cultural Perspective*. Maryknoll, NY: Orbis Books.
– – 1996 *Anthropology for Christian Witness.* Maryknoll, NY: Orbis Books.
Lafitau, J. T. 1724 *Moeurs des Saivages Ameriquains, Comparees aux des Premiers Temps*. Paris: Saugrain l'aine.

– – 1974 *Customs of the American Indians Compared with the Customs of Primitive Times*. 2 vols. Edited and translated by William N. Fenton and Elizabeth L. Moore. Toronto, Canada: Champlain Society.

Lipner, Julius. 1985 "'Being One, Let Me Be Many': Facets of the Relationship Between the Gospel and Culture." *International Review of Mission* 74 (April):165.

Luzbetak, Louis J. 1958 "Toward an Applied Missionary Anthropology." *Anthropological Quarterly* 34:165-176.

– – 1963 *The Church and Cultures: An Applied Anthropology for the Religious Worker*. Techny, IL: Divine Word Publications.

– – 1985 "Prospects for a Better Understanding and Closer Cooperation between Anthropologists and Missionaries." In *Missionaries, Anthropologists, and Cultural Change*. Studies in Third World Societies, No. 25. Darrell L. Whiteman, ed. Pp. 1-53. Williamsburg, VA: College of William and Mary.

– – 1988 *The Church and Cultures: New Perspectives in Missiological Anthropology*. Maryknoll, NY: Orbis Books.

– – 1992 "My Pilgrimage in Mission." *International Bulletin of Missionary Research* 16(3): 124-128.

– – 1994 "Wilhelm Schmidt, S.V.D. 1868-1954: Priest, Linguist, Ethnologist." In *Mission Legacies: Biographical Studies of Leaders of the Modern Missionary Movement*. Gerald Anderson, et al, eds. Pp. 475-485. Maryknoll, NY: Orbis Books.

Malinowski, Bronislaw. 1929 "Practical Anthropology." *Africa* (2:23-38). Reprinted in *Applied Anthropology: Readings in the Uses of the Science of Man*. James A. Clifton, ed. Pp. 12-25. Boston, MA: Houghton Mifflin Company, 1970

– – 1938 *Methods of Study of Culture Contact*. Memorandum 15, International African Institute, London, UK: Oxford University Press.

Mayers, Marvin K. 1974 *Christianity Confronts Culture: A Strategy for Cross-Cultural Evangelism*. Grand Rapids, MI: Zondervan.

Moon, Steve S. C. 2003 "The Recent Korean Missionary Movement: A Record of Growth, and More Growth Needed." *International Bulletin of Missionary Research* 27(1): 11-17.

Morgan, Lewis Henry. 1871 *Systems of Consanguinity and Affinity in the Human Family*. Washington, DC: Smithsonian Institution

– – 1877 *Ancient Society*. New York: World Publishing.

Nida, Eugene A. 1954 *Customs and Cultures: Anthropology for Christian Missions*. New York: Harper & Row Publishers.

Parish, Helen and H. R. Wagner. 1967 *The Life and Writings of Bartolomé de Las Casas*. Albuquerque, NM: University of New Mexico Press.

Pate, Larry 1989 *From Every People: A Handbook of Two-Thirds World Missions with Directory, Histories, and Analysis*. Monrovia, CA: MARC.

Peake, N. J. E. 1921"Discussion." *Man* 21(103):174.

Priest, Robert J. 2001 "Missionary Positions: Christian, Modernist, Postmodernist." *Current Anthropology* 42(1): 29-70.

Rajamanickam, Savarimuthu. 1971 *Roberto de Nobili on Adaptation*. Palayamkottai, India: De Nobili Research Institute.

– – 1972a *The First Oriental Scholar*. Tirunelveli, India: De Nobili Research Institute.

– – 1972b *Robert De Nobili on Indian Customs*. Palayamkottai, India: De Nobili Research Institute, St. Xavier's College.

Sagard, Gabriel Théodat. 1632 (1865) *Le Grand Voyage du pays des Hurons situé en l'Amerique vers la mer douce, és derniers confines de la Nouvelle France dite Canada*. Paris: Emile Chevalier, Tross.

– – 1939 *The Long Journey to the Country of the Hurons*. Edited with introduction and notes by George M. Wrong; translated by H.H. Langton. Toronto, Canada: Champlain Society.

Sahagun, Bernardino de. 1950-1982 *General History of the Things of New Spain: Florentine Codex*. Translated from the Aztec into English by Arthur. J. O. Anderson and Charles E. Dibble. Salt Lake City, Utah: School of American Research, University of Utah.

Salamone, Frank A. 1986"Missionaries and Anthropologists: An Inquiry into the Ambivalent Relationship." *Missiology* 14:55-70.

– – guest editor. 1985 *Missionaries and Anthropologists*, Part II. Studies in Third World Societies No. 26. Williamsburg, VA: College of William and Mary.

Schlunk, Martin. 1924 "Missions and Culture." *International Review of Missions* 13:532-544.

Shenk, Wilbert R. and George R. Hunsberger. 1998 *The American Society of Missiology:The First Quarter Century*. Decatur, GA: The American Society of Missiology.

Shorter, Aylward. 1974 *African Culture and the Christian Church: An Introduction to Social and Pastoral Anthropology*. Maryknoll, NY: Orbis Books.

– – 1985 *Jesus and the Witchdoctor*. Maryknoll, NY: Orbis Books.

– – 1988 *Toward a Theology of Inculturation*. Maryknoll, NY: Orbis Books.

Smalley, William A., ed. 1967 *Readings in Missionary Anthropology*. Tarrytown, NY: Practical Anthropology.

– – 1978 *Readings in Missionary Anthropology II*. Enlarged 1978 edition. Pasadena, CA: William Carey Library.

Smalley, William A. and Marie Fetzer. 1950 "A Christian View of Anthropology." *In Modern Science and Christian Faith*. F. Alton Everest, ed. Pp. 98-195. Wheaton, IL: Van Kampen Press, for the American Scientific Affiliation.

Smith, Edwin W. 1907 *Handbook of the Ila Language*. London, UK: Oxford University Press.
– – 1924 "Social Anthropology and Missionary Work." *International Review of Missions* 13(52):518-531.
– – 1934 "Anthropology and the Practical Man." Presidential Address. *Journal of the Royal Anthropological Institute* 64 xiii-xxxvii
Smith, Edwin W. and Andrew W. Dale. 1968 (orig. 1920) *The Ila-Speaking Peoples of Northern Rhodesia*. vols. 2nd ed. New Hyde Park, NY: University Books.
Smith, Gordon Hedderly Smith. 1945 *The Missionary and Anthropology: An Introduction to the Study of Primitive Man for Missionaries*. Chicago, IL: Moody Press.
Spence, Jonathan D. 1984 *The Memory Palace of Matteo Ricc*i. New York: Viking Penguin.
Spencer, Herbert. 1873 *The Study of Sociology*. New York: D. Appleton.
Stipe, Claude. 1980 "Anthropologists versus Missionaries." *Current Anthropology* 21:165-168.
Taber, Charles. 1973 "Change and Continuity: Guest Editorial." *Missiology* 1(1):7-13.
– – 1990 "Review of *The Church and Cultures: New Perspectives in Missiological Anthropology*." Missiology 18(1):103-104.
– – 1991 *The World is Too Much With Us: "Culture" in Modern Protestant Mission*. Macon, GA: Mercer University Press.
– – 2000 *To Understand the World, to Save the World: The Interface between Missiology and Social Science*. Harrisburg, PA: Trinity
Taylor, William D., ed. 1991 *Internationalising Missionary Training: A Global Perspective*. Exeter, UK: The Paternoster Press; Grand Rapids, MI: Baker Book House.
– – 1997 *Too Valuable to Lose: Exploring the Causes and Cures of Missionary Attrition*. Pasadena, CA: William Carey Library.
Tippett, Alan R. 1973 "Missiology: 'For Such a Time As This!' –Editorial." *Missiology* 1:15-22.
– – ed. 1973 *God, Man and Church Growth: A Festschrift in Honor of Donald Anderson McGavran*. Grand Rapids, MI: Eerdmans.
Whiteman, Darrell L. 1996 "The Role of the Behavioral Sciences in Missiological Education." *In Missiological Education for the 21st Century: The Book, the Circle, and the Sandals*. J. Dudley Woodberry, Charles Van Engen, and Edgar J. Elliston, eds. Pp. 133-143. Maryknoll, NY: Orbis Books.
– – 1997 "Contextualization: The Theory, the Gap, the Challenge." *International Bulletin of Missionary Research* 21:2-7. Reprinted in *New Directions in Mission & Evangelization 3: Faith and Culture*. James A. Scherer and Stephen B. Bevans, ewds. Pp. 42-53. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1999.
– – 2002 "Does Christianity Destory Cultures: An Interview with Cultural Anthropologist Darrell Whiteman." *Heartbeat* 23(summer):1-8.
– – ed. 1985 *Missionaries, Anthropologists, and Cultural Change*. Studies in Third World Societies No. 25. Williamsburg, VA: College of William and Mary.
Wiser, William and Charlotte Wiser 1930 *Behind Mud Walls*. New York: R. R. Smith. Revised edition, Berkeley, CA: University of California Press, 1971.
World Missionary Conference, Edinburgh. 1910 *The Preparation of Missionaries*. Report of Commission V. Edinburgh, UK: Oliphant, Anderson & Ferrier.